

Por que Antonino Ferro?

Artigo Encomendado

Lisiane Milman Cervo

Membro Associado da SBPdePA.

On other hand it might be better
To strike the iron before it freezes
(BECKETT, Samuel)

É com essa epígrafe que Antonino Ferro introduz seu último livro publicado no Brasil (Evitar as emoções, Viver as emoções, 2011), com a seguinte nota de tradução: “De outro lado poderia ser melhor forjar o ferro antes que esfrie”. É inevitável a alusão à metáfora que nos cala mais forte de que “analisar é malhar o ferro em brasa!” (FRACISCHELLI, 2007; GUTFREIND, 2010), além de tentador o trocadilho com o nome de nosso autor! Nessa metáfora está o tom de seu pensamento clínico, em que a riqueza da relação analítica só pode se dar vivendo as emoções “em brasa” no aqui e agora das sessões, e que a transformação só é possível a partir do encontro caloroso de duas mentes no campo analítico!

Um dos expoentes da psicanálise contemporânea da Itália, Antonino Ferro é um analista prestigiado internacionalmente e que tem tido uma grande influência sobre a psicanálise brasileira desde a década de 90. Destaca-se especialmente por seu pensamento clínico e por suas inovações técnicas, que adquirem vitalidade e vigor através de diálogos analíticos muito ricos. Essa é a marca de todas as suas produções, que abrangem o atendimento a crianças, adolescentes e adultos, em um amplo espectro de quadros da psicopatologia, incluindo pacientes graves. Seu trabalho está centrado no tema da relação analítica e do campo emocional construído pelo par analítico, descrevendo simultaneamente o lado do paciente e também o do analista, que está permanentemente implicado no processo. É grande a ênfase no pensar sobre a mente do analista e sua participação decisiva no desenvolvimento de cada sessão, trazendo à luz aquilo que costumava ficar obscuro ou na sombra nas descrições clínicas de modelos anteriores.

Nascido em 1947 na Sicília, em Palermo, e radicado em Pádua, Antonino Ferro fez sua formação psicanalítica em Milão. É médico, psiquiatra e psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica da Itália e da Associação Psicanalítica Internacional



(IPA). Participa ativamente de entidades ligadas à IPA, além de ter sido Editor Regional para a Europa do International Journal of Psychoanalysis. É autor de vários livros traduzidos em diferentes idiomas, além de artigos publicados nas mais conhecidas revistas de psicanálise do mundo. Sua fecunda produção científica tem encontrado grande aceitação no meio psicanalítico, sedento por uma renovação da técnica clássica que dê conta da demanda atual dos consultórios. É sem dúvida uma referência no movimento psicanalítico italiano, tendo sido colega de formação analítica de outros autores renomados que estiveram recentemente conosco em Porto Alegre, como Stefano Bolognini e Franco Borgogno, apresentando grande sintonia com a vocação clínica dos psicanalistas brasileiros. Dentre os livros traduzidos e publicados no Brasil, encontramos:

- *A Técnica da Psicanálise de Crianças* (1995);
- *Na Sala de Análise – emoções, relatos, transformações* (1995);
- *A Psicanálise como Literatura e Terapia* (2000);
- *Fatores de Doença/ Fatores de Cura – gênese do sofrimento e da cura psicanalítica* (2005);
- *Técnica e Criatividade* (2008);
- *Evitar as emoções, viver as emoções* (2011).

Frente à indagação-título desse artigo – *Por que Antonino Ferro?* – proponho um panorama percorrendo tópicos marcantes de sua obra, esperando que ao final dessa leitura o próprio leitor chegue à sua resposta pessoal – à moda do autor, que sempre prima pela inter-relação entre o leitor e o texto. Ao apresentar os conceitos, as proposições técnicas relevantes e seus posicionamentos pessoais, estou ciente de que se trata de uma seleção arbitrária e de que muitos pontos importantes não serão contemplados, diante da riqueza, complexidade e extensão do material disponível.

Em seu primeiro livro publicado no Brasil, *A Técnica da Psicanálise de Crianças* (1995), Ferro introduz suas ideias a partir de um mapeamento dos seus marcos referenciais teóricos e dos conceitos com os quais ele se movimenta, o que se revela muito útil não apenas para a compreensão dessa publicação, como também das seguintes, nas quais há uma expansão ou um aprofundamento dessas diretrizes. A respeito de sua trajetória pessoal, ele refere uma matriz freudiano-kleiniana, desenvolvendo a seguir seus estudos inspirado especialmente no **modelo de Bion** e também dando grande ênfase ao **conceito de Campo de Willy e Madeleine Baranger**. O autor esboça uma síntese a respeito desses modelos fun-

damentais da psicanálise, na qual tenta pontuar as configurações essenciais de cada um deles, o que, de forma simplificada, passo a transmitir:

No modelo de Freud, o entendimento está centrado nas **relações históricas**; o objetivo da interpretação é tornar consciente o material inconsciente, sob Repressão; o conceito de Transferência, nuclear na relação do paciente com o analista, é definido em termos unipessoais (o paciente transfere...).

No modelo de Klein o enfoque está no mundo interno e as interpretações devem esclarecer as **fantasias inconscientes** do paciente. Há um destaque nas angústias mais primitivas e uma retrodatação dos conflitos. A contratransferência deve interceptar a identificação projetiva, tida como fato perturbador.

E no modelo de Bion, centrado na **relação emocional atual** analista-paciente, os estados primitivos da mente são recolhidos, compartilhados e transformados a partir da *rêverie* do analista, de forma que sua vida mental ganha maior destaque. As identificações projetivas deixam de ser somente evacuativas, passando a ser uma via de comunicar emoções – também é conferida atenção ao fato de serem recíprocas e cruzadas no par analítico. A ênfase recai mais sobre o **contenente** (aparelho mental para pensar) do que sobre o conteúdo dos pensamentos, mais sobre um modelo de relação mental a ser introjetado (dotado de certas qualidades, como a paciência, a paixão...) do que pela aquisição de dados.

Em relação ao conceito de *campo bipessoal* dos Baranger (1961), Ferro esclarece que ele abarca toda a situação analítica, incluindo o *setting* e as regras, sendo que a compreensão recai na **fantasia inconsciente do par**, estruturada a partir de duas vidas mentais e de identificações projetivas cruzadas. O analista deve voltar sua atividade interpretativa às zonas de resistências do par (nomeadas pelos Baranger como “bastiões”).

Embora Ferro articule a concepção dos Baranger com as ideias de Bion, especialmente no que diz respeito à ênfase no par analítico, ele salienta uma enorme diferença técnica entre eles no tipo de interpretação proposta: os Baranger defendem uma “interpretação forte” (completa, proveniente do analista) da fantasia inconsciente do par, para superar os *bastiões* e abrir novos caminhos; já Bion opta por “interpretações não saturadas”, não exaustivas que, em vez de buscarem uma decodificação do que está acontecendo, promovem a formação de um novo sentido. Ferro propõe chamá-las de “interpretações fracas” e pauta sua atividade clínica em tais intervenções não decodificadoras, enfatizando a permeabilidade da mente do analista para acolher as identificações projetivas e transformá-las. Através de vários exemplos clínicos, Ferro ilustra como as interpretações transferenciais decodificadoras podem ser um engaiolamento na co-



municação e passa a privilegiar um trabalho de narratividade e de cocriação no par analítico, o que se encontra em ressonância com várias correntes psicanalíticas da atualidade. Nesse sentido, ele destaca também as contribuições de Winnicott, além das de outros autores da escola argentina, como Bleger e Etchegoyen, dispondo de liberdade na concepção de um trabalho teórico-clínico criativo, sem ficar aderido a um esquema referencial rígido. Ao contrário, traz a recomendação de que esse vértice de escuta que privilegia o par analítico não seja tomado exaustivamente, senão levaria também a uma saturação, propondo mantê-lo em oscilação com os outros dois vértices: o da história e o do mundo interno.

Com esse primeiro livro (*A Técnica da Psicanálise Infantil*, 1995), Ferro planta em nosso meio as sementes de um trabalho clínico original e, ainda que apresente várias ilustrações de atendimentos com crianças, vai esclarecendo seu estilo pessoal e conceitos que ele próprio formulou (alguns deles junto a colegas italianos), os quais se aplicam também perfeitamente ao atendimento de adultos. Isso está alinhado à concepção do autor de que **a psicanálise é una**, ou seja, o funcionamento mental do analista é o mesmo na psicanálise com crianças ou com adultos; o que muda são as modalidades expressivas usadas pelas crianças (desenho, jogo, dramatizações) e também a atenção que o grupo familiar exige, o que implica diferenças no *setting*. Cada uma dessas modalidades expressivas ganha um capítulo em seu livro e o autor, com sua linguagem coloquial, vai *dando vida* às suas ideias através de narrações clínicas.

Quanto ao uso de desenhos, Ferro se distancia dos trabalhos que os consideram um teste, bem como de um modo clássico em que a representação gráfica seria um código a ser traduzido, tomando como pista as associações da criança. Para ele, o desenho deixa de ser estático e anima-se, como um teatro gerador de significado, passando a ser um promotor de histórias. Nesse contexto, o autor esclarece o conceito de *agregado funcional* (seu e de seu colega Berzoari): são imagens, personagens ou sequências narrativas emergentes no campo analítico, numa espécie de sonho em vigília, que vão dando uma síntese do funcionamento do par. Tentando ser fiel ao seu estilo, introduzo duas de suas vinhetas clínicas para elucidar alguns de seus conceitos fundamentais e de seu modo de trabalho.

Francesca, menina de dez anos, foi trazida a tratamento por gritar desesperadamente algumas horas por dia. No primeiro encontro com o analista, faz o desenho de um bosque com árvores, animais e sem pessoas; o analista fica indeciso e renuncia à interpretação decodificadora dos vários possíveis significados desse desenho. Em seguida, ela desenha uma menina de perfil, bidimensional, vestida formalmente – e novamente o analista é tomado de angústia, não se decidindo a intervir. Quando Francesca justapõe o segundo desenho ao primeiro, o analista

ilumina-se e pergunta: “O que faz uma menina sozinha num bosque sem pessoas?” – ao que Francesca responde: “GRITA!”. Logo começa a desenhar outra menina, dessa vez com efeito tridimensional, com olhar intenso e sem boca (as angústias que ainda não podem ser expressas em palavras...). Observa-se que, após uma inclinação inicial do analista em traduzir os desenhos a um universo familiar de significados, ele opta por afrouxar os laços com os referenciais conhecidos – por isso a angústia, o risco de se perder: ele se encontra “sozinho no bosque”, exposto. Mas dessa turbulência emocional acontece um encontro, e então ambos – paciente e analista – já não estão mais sós. As emoções que antes eram inomeadas (e só podiam ser gritadas) agora passam a ser compartilhadas na construção de uma narrativa que tenta tornar pensáveis os afetos antes mudos ou incontidos. A construção de um sentido afetivo vai-se dando a partir das identificações projetivas do par e do trabalho de elaboração mental (“working-through”) do analista.

Se, no exemplo acima, o desenho se prestou à emergência de *microtransformações* durante uma sessão, Ferro traz outras ilustrações nas quais, acompanhando a trajetória do grafismo de uma criança ao longo do processo analítico, podemos constatar as *transformações estáveis e irreversíveis* do paciente – o “dossiê” dos desenhos torna-se um verdadeiro testemunho das grandes evoluções ocorridas no percurso de um tratamento. Contrastam-se, dessa forma, desenhos empobrecidos ou mecanizados de uma fase inicial da análise com uma produção que vai gradualmente adquirindo maior espontaneidade na expressão de afetos, maior riqueza e profundidade, demonstrando uma crescente integração. Além disso, Ferro entende que o desenho não seria uma modalidade expressiva exclusiva da criança, podendo também ser introduzido pelo analista quando a palavra ainda não tem efeito sobre o paciente. O autor exemplifica com o caso de um menino hiperativo, em que nenhuma intervenção verbal era capaz de conter sua agitação, até que o analista decide desenhar *uma cerca*; isso atíça a curiosidade do menino, e ambos passam a criar uma espécie de *desenho animado*, com personagens como “um índio que arrebenta todas as cercas”, até a concepção de “uma cabana de índio”, um continente para ele; surge também o personagem de um *amigo caranguejo, com braços que pinçam sem machucar*, e os dois amigos passam a trabalhar juntos e a colaborar mutuamente no enfrentamento de uma série de adversidades... Tais personagens também elucidam seu conceito de “agregados funcionais”, síntese do funcionamento do par naquele momento, já que expressam a ilusão da cena representada, como em um cinema tridimensional, ao que Ferro chama de **“holografias do par”**.

Propondo-se a relativizar as diferenças entre a análise de crianças e a de adultos, Ferro entende que as palavras dentro da sala de análise são semelhantes a desenhos, os textos verbais de uma sessão tomados como um quadro desenhado por



meio de palavras. Ou, como desenvolve em seu terceiro livro publicado (A Psicanálise como Literatura e Terapia, 2000), o texto narrativo de uma sessão como literatura, obra viva construída conjuntamente, de onde emergem novos personagens que vão configurando uma nova história.

Outra forma de articular as modalidades expressivas na sala de análise com a literatura é a aproximação que o autor faz, ainda em seu primeiro livro (1995), do **Jogo Infantil** com os Contos de Fadas. Como em ambos a criança pode compartilhar e nomear angústias, são vias de representar e ver representados os mais terríveis medos, bem como as expectativas idealizadas; permitem mandar afetos inadmissíveis a lugares distantes e acenam a possibilidade de encontrar solução até para situações tidas como catastróficas. Comentando o renomado livro de Bruno Bettelheim – “A Psicanálise dos Contos de Fada” –, Ferro discorda da perspectiva do autor de que os contos já estariam tão cheios de significado previamente, criticando o entendimento saturado da trama. Para ele, é possível aproximar a simbolização dos **contos** com a dos **sonhos**, destacando que é o elo entre os vários símbolos, e entre esses e as emoções de quem narra o sonho e de quem escuta, o que gera um sentido.

Também no jogo, Ferro destaca o valor da **insaturação** do brinquedo, para que a criança não seja vítima de um jogo já previsto pelo próprio jogo. Em uma sessão, o jogo que vai sendo construído pertence ao campo, portanto a criança descreve por meio dele como ela sente a presença emocional do analista, suas intervenções, as disfunções do campo, as fraturas comunicativas que vão sendo reveladas pelos personagens que emergem na sala de análise.

Em relação à abordagem do sonho, Ferro parte dos modelos clássicos, em que as regras para sua interpretação baseiam-se nos mecanismos de deslocamento, condensação, simbolização, etc. (Freud), mas busca uma expansão técnica, ao acompanhar a proposição de Bion, que não se restringe à atividade que ocorre durante o sono, descrevendo também um “pensamento onírico de vigília”, expressão do trabalho que a função alfa desenvolve continuamente. Já não é preciso fornecer associações após relatar um sonho, pois ele considera associação tudo o que o paciente disse antes, o que disse depois, o que veio à mente do analista, além da atmosfera emocional daquele momento. O autor também destina especial atenção à “Patologia da Função Onírica”, apresentando um espectro de fenômenos ligados ao gradiente de êxito operacional da função alfa. Em um extremo desse espectro estariam as alucinações, que, embora sirvam de índice de uma situação muito comprometida, seriam recuperáveis ao pensamento por um percurso intersubjetivo, baseado em operações de *rêverie*, nas quais o mais importante não é o conteúdo da alucinação, mas o pânico, o terror e a confusão correlativos. Esse tópico também é ilustrado em várias vinhetas clíni-

cas de seu trabalho em quadros psicóticos, o que acena para uma perspectiva muito interessante no atendimento de graves transtornos emocionais.

Por meio de abundantes descrições clínicas, vão sendo esclarecidos aspectos da técnica, destacando-se todo um cuidado com o tipo de interpretação a ser fornecido a cada paciente a cada momento da análise. Para Ferro, os fatores que colaboram para a “**patologia do campo analítico**” seriam: a pressa, ou o forçar prematuramente interpretações, muitas vezes corretas, mas em um continente inadequado para acolhê-las; o narcisismo do analista, quando precisa mostrar-se arguto; além da fragilidade e da perseguição na relação analítica. Ressalta Ferro a importância de se modular continuamente a “cozinha interpretativa”, sendo que, mesmo diante da comunicação de um sonho em que há uma tentação para penetrar na zona mais íntima da relação, é essencial manter a discrição necessária para não incorrer em um “arrombamento de espaços privados”. Privilegiando essa abordagem não intrusiva, o autor também alerta para o risco das interpretações simbólicas – em que os símbolos de um paciente são compartilhados, mas não se partilha do essencial, que seria o *processo de simbolização*.

Além disso, em sua obra Ferro destina muita atenção à **mente do analista** em seu trabalho: seus problemas, riscos e necessidades. Em toda análise haverá momentos em “desfavor” do paciente, pois nem sempre o analista consegue deixar fora da sessão aqueles estados mentais que interferem no trabalho: às vezes ele se torna defensivo ou não está disponível para acolher as identificações projetivas do paciente. Pode haver uma inversão do fluxo de identificações projetivas quando um analista está sobrecarregado por suas próprias angústias não metabolizadas ou quando se sente invadido por um paciente particularmente perturbador, o que pode contaminar os demais atendimentos, ou ainda em seu trabalho normal, quando partes próprias não pensadas passam a interferir na relação com o paciente (partindo do pressuposto de que nenhum analista pode ser completamente analisado). Nessas situações, as funções da mente do analista que primeiro entram em crise são: a *rêverie*, que é a função mais sensível; a seguir, a **capacidade de continência**; e depois podem se ativar dentro do analista a **perseguição e a necessidade de evacuar elementos beta**. Para metabolizar suas emoções e restabelecer a função analítica, o analista conta com sua análise pessoal, que pode seguir por meio da autoanálise, e com os sonhos de contratransferência, mas muitas vezes é o próprio paciente que consegue fazer com que o analista reencontre o contato com seu funcionamento mental, sendo seu “melhor colega de trabalho”. Sua grande lição, portanto, é de podermos “ir contra a idealização de nós mesmos e do nosso trabalho, e a favor da paixão e do amor necessários para continuar a fazê-lo de modo inspirado” (FERRO, 1995, p. 211).



Não apenas o trabalho clínico é feito com inspiração, seu talento literário é evidente por sua escrita fluente e recheada de metáforas criativas, o que torna bastante vívidas as cenas que o autor deseja compartilhar, e o leitor se sente inserido emocionalmente na sala de análise com Ferro e seus pacientes. Não surpreende, pois, que ele tenha ganhado o **prêmio Gradiva** de melhor livro italiano de psicanálise com sua segunda publicação (*Na sala de análise: emoções, relatos e transformações*, 1997). Neste livro, Ferro aborda importantes temas da técnica na atualidade, como: critérios de analisabilidade e de fim de análise, estilos de interpretação, transformações narrativas, além dos impasses analíticos e RTN.

Ao discutir os “dois pontos-chaves da análise: a decisão de iniciá-la e a de terminá-la” (1997, p.27), Ferro afasta-se das tradicionais modalidades em que os critérios são baseados nas classificações diagnósticas, tirando da marginalidade o atendimento às patologias não neuróticas. Ele explora critérios subjetivos e afetivos ligados ao encontro emocional dentro de um modelo de “relação analítica” que considera a interação entre “aquele determinado paciente” e “aquele determinado analista”. Desde o início, a indicação para um trabalho analítico está atravessada pela questão da contratransferência, de como está o analista com sua “**capacidade de pôr-se à prova**”, no sentido de um exame de sua própria disponibilidade para receber *aquele* paciente naquele momento, através da consciência do ponto até onde pode ir ao analisar, com base na sua própria análise, no seu funcionamento mental, no seu grau de tolerância ao risco e à frustração (conceito de **capacidade negativa** do analista). Acredita que os ditos “pacientes difíceis” ou “inanalizáveis” não fazem outra coisa senão nos confrontar com aspectos desconhecidos de nós mesmos, deles e de nossas teorias.

Também os critérios de conclusão da análise distanciam-se de parâmetros objetivos, sendo o próprio campo o lugar da “sinalização” do término: “a contratransferência, os sonhos de contratransferência, os personagens ou narrações do paciente que começarão a ‘sinalizar’ esse evento, e isto não com base numa teoria que o preveja, mas num modelo que o permita” (FERRO, 1997, p. 36). O término de uma análise pressupõe que houve uma introjeção das qualidades mentais do analista e uma introjeção do método usado para tratar das manifestações emocionais, da paixão, dos pensamentos.

Em relação aos estilos de interpretação, Ferro propõe que se possa prescindir de **teorizações “colonizadoras”** e que se tente criar na sessão um modelo capaz de dar um sentido inédito a algo desconhecido que nunca havia sido pensado, caso contrário o risco é promover uma espécie de “adestramento”. Para o autor, as Reações Terapêuticas Negativas podem ocorrer quando o analista não transforma as intensas e incontidas angústias de um paciente, mas, ao contrário, opera via interpretação, em uma modalidade evacuativa, o que tende a ser denunciado

pelos personagens emergentes nas sessões, que se encarregam de sinalizar as microfaturas do diálogo analítico. O percurso psicanalítico é encarado como uma **“obra aberta”**, em que o texto narrativo possa fluir no aqui e agora, sem que seja marcado continuamente por interpretações; é por meio desse texto linguístico que se exprimem os pontos de avanço, as “narcotizações” e os distanciamentos produzidos no campo.

Em seu terceiro livro: “A Psicanálise como Literatura e Terapia” (1999), Ferro aprofunda os desenvolvimentos anteriores, consolidando a analogia entre o modelo de entender os personagens na literatura e na psicanálise, tomando como temática nuclear seu interesse pela semiologia e pela narrativa. Ele entende que não há texto que funcione sozinho; é necessária a contínua inter-relação entre o leitor e o texto, sendo que o leitor de alguma forma constrói o texto. Da mesma forma, utiliza o termo “narração” em psicanálise para expressar o modo de o analista participar com seu paciente da “construção de um significado de forma altamente dialógica” (1999, p.17). Como se ambos construíssem juntos uma peça teatral, e em seu interior os enredos crescem, se articulam, sem que exista entre eles uma verdade pré-constituída, de forma que a **conarração transformativa** toma o lugar da interpretação. Assim, a psicanálise seria ao mesmo tempo uma forma de literatura, cujo texto linguístico é produzido pelo par analítico e de terapia, em que o mal-estar e os sintomas podem ser narrados e compartilhados, levando à cura do sofrimento psíquico.

O autor explica que o **“derivado narrativo”** tem a ver com os gêneros literários e que a sequência de elementos alfa pode ser narrada por meio de uma lembrança de infância; um relato da vida “exterior”; um relato de um filme; um gênero diarístico; um gênero intimista; ou de infinitas outras maneiras. Além desse “derivado narrativo”, que é a forma mais comum na análise de adultos, também ganham expressão o “derivado lúdico” (por exemplo, na análise de uma criança, o jogo que a criança faz depois de uma interpretação), o “derivado gráfico” (desenho feito em sessão), o “derivado sensorial” (tosse, espirros, etc.), o “derivado motor” (que remete aos *acting-in* na sua qualidade comunicativa) e o “derivado onírico” (fundamental, ao remeter à possibilidade de usar o sonho como narração do aqui e agora, especialmente quando surgem como lembrança associativa num dado momento da sessão ou como resposta a uma interpretação) (1999, p.47).

Ferro também ingressa na **temática transgeracional**, ao acrescentar ao campo atual, horizontal do aqui-e-agora, uma complexidade semelhante à de um campo vertical, em que pais, avós, tios entram em cena não como “fotos” bidimensionais, mas como personagens tridimensionais de diferentes temporalidades. A sala passa a ser habitada não somente ao longo do eixo do espaço, mas também ao longo do eixo do tempo, em uma busca de criptas e de



tesouros ocultos. O autor aproxima o fascínio das histórias de terror à transgeracionalidade não resolvida, em que o horrível, o estranho pulsa dentro, aguardando narração e transformação. Lembra que o transgeracional do analista também entra na sala “como cota que se refere à pessoa e como cota que se refere à transmissão da função analítica, incluindo os pontos cegos que ele pode ter” (1999, p.134).

Na introdução do quarto livro de Antonino Ferro: “Fatores de Doença/ Fatores de Cura” (2005), Elias Mallet da Rocha Barros apresenta Ferro como “um exemplo de quem está praticando o **pensamento clínico**”, tal qual descrito por André Green (2002): “[...] penso que existe na psicanálise não apenas uma teoria da clínica, mas um pensamento clínico, isto é, um modo original e específico de racionalidade, oriundo da experiência própria”. Leva-se em conta que a teoria de que dispomos não tem dado conta, nem conceitual nem descritivamente, da riqueza do fenômeno clínico que observamos. Portanto, ao escrever, os autores criativos estão respondendo a uma preocupação do seu tempo, a uma necessidade de um momento histórico da psicanálise, intervindo em um debate, reformulando questões de propostas em sua época.

Para chegar à questão dos fatores terapêuticos em psicanálise, Ferro (2005) propõe um exame dos **Fatores de Doença** e das defesas às quais se recorre. Distingue, em um esquema simplificado, três tipos de patologia psíquica:

- a) uma grave patologia, devido a uma carência de função alfa, “como se faltasse a película do filme”;
- b) formam-se os elementos alfa, mas os aparelhos que devem trabalhá-los são defeituosos (por exemplo, carência da função continente-conteúdo), “como se a película ficasse impressionada, mas não fosse revelada”;
- c) situações traumáticas, em que a quantidade de estimulação sensorial supera a capacidade operacional da função alfa.

Ele considera que os pacientes organizados principalmente em torno da patologia (c) sejam os mais fáceis de analisar, esperando do analista um trabalho de significação ou de ressignificação. Já os pacientes organizados em torno do polo (b), que seriam os narcisistas e os “casos-limite”, necessitam de um trabalho sobre suas funções psíquicas insuficientes; para eles, as interpretações clássicas geram mais perseguição do que crescimento psíquico. Finalmente, os pacientes com patologia essencialmente constituída em (a) deveriam ser considerados como tratamentos de “investigação”, pois se trata de (re)construir o método (função alfa) para realizar as transformações necessárias.

O autor destaca que há inúmeras combinações entre esses três fatores e há vários mecanismos de defesa para fazer frente a eles: a cisão, a recusa, a negação, os distúrbios psicossomáticos, as alucinações, as atuações caractereopáticas, as perversões, o desmoronamento da mente, o narcisismo, etc. Além dessas defesas que nos são familiares, o autor propõe que a defesa primária contra qualquer patologia seja a formação dos “ *fatos não digeridos* ”, que ele designa de “elementos balfa” (que seriam os elementos beta, parcialmente tratados, aguardando que uma função alfa possa ser fator de transformação). Ferro aponta que o significado comum a todas as defesas é permitir uma gestão em situações normais ou de falência das cotas excedentes de elementos beta; assim, se por um lado as defesas são fonte de patologia, por outro são sempre uma solução bem-sucedida em relação a uma catástrofe mental ainda mais grave.

Em seu mais recente livro publicado, “Evitar as emoções, viver as emoções” (2011), Ferro parte do pressuposto de que viver as emoções é uma das maiores dificuldades de nossa espécie, enquanto a evitação das emoções é uma das atividades mais habituais da nossa mente, como pacientes, analistas, seres humanos. Ele demonstra, por meio de várias narrações clínicas, que “evitamos viver paixões incandescentes e apagamos na rotina, no cansaço, na repetição, no tédio, na intelectualização, as lavas emocionais” para manter um nível reduzido de emoções circulantes (p.15). Passando em revista variados quadros psicopatológicos para ilustrar essa tese, aborda a fobia (em que a evitação é a estratégia habitual para lidar com protoemoções compactadas), a obsessividade (em que a estratégia é o controle), a hipocondria (a estratégia é o confinamento em um órgão no corpo)... Também se referindo aos quadros de intensos mecanismos de evacuação, abarca a paranoia, as esquizofrenias e os autismos (esse último, com o controle de cada gesto e detalhe, a miniaturização das emoções, para evitar os impactos emocionais que não podem ser administrados). A evacuação também pode se dar no corpo (doenças psicossomáticas) ou no corpo social (delinquências, caracteropatias...).

O autor propõe exercícios psicanalíticos, com os quais reflete com liberdade sobre uma série de questões da clínica, como, por exemplo: “Édipo: uma poluição luminosa?” (2011, p.82), em que lança sua impressão de que a psicanálise atual sofre de um fenômeno semelhante ao conhecido nas cidades como “poluição luminosa”: o excesso de luz que impede de ver as estrelas. Apesar de não ter dúvida de que Édipo é uma estrutura e uma conceitualização de base na mente humana, Ferro entende que houve uma superexposição e superiluminação desse conceito na Psicanálise, o que pode causar uma espécie de impregnação que impede que se olhe também para outras direções. Com seu estilo jocoso, Ferro explica que Sófocles criou realmente uma obra-prima, que foi o “logotipo” vencedor da Psicanálise, enquanto outras verdades psicanalíticas não encontraram



nenhum *creative writer* que tenha sabido dar outros “logotipos” igualmente eficazes.

Outra modalidade original que Ferro lança mão para “conversar” com o leitor é o tópico: “Perguntas para esclarecer” (2011, p.45), em que formula possivelmente as principais questões e críticas que surgem na mente dos colegas mais experientes ao se depararem com sua obra, já que, mesmo sendo apreciada, desperta uma série de inquietações, tais como:

– “O que acontece com a individualidade de analista e paciente em uma teoria do campo?” Ferro entende que analista e paciente são dois lugares do campo que vivem no próprio campo, entre momentos de emergência da subjetividade e momentos de fluidificação, de dissolução dessa subjetividade, sendo esse movimento perpétuo e estando em constante oscilação (p.46).

– “Existe algo extracampo?” O autor responde naturalmente que sim, mas que não nos diz respeito enquanto analistas. Só somos analistas quando estamos na presença do paciente e dentro de um setting... (p. 46).

– “O conceito de campo não corre o risco de ser autorreferente?” (Suponho que essa pergunta povoe a mente de muitos leitores, nos quais pode ficar a impressão de uma supervalorização desse vértice de escuta analítica em detrimento dos demais.) Ferro rebate sua própria questão, argumentando que em seu ponto de vista certamente não, porque o campo está em constante expansão, tem infinitos cenários, roteiros, personagens... (p.47).

Quem acompanha o percurso de Ferro percebe que ele tem uma importante e recorrente preocupação com o futuro da psicanálise. Em 2003, concedeu uma entrevista (CALICH; BERLIM, 2003), em que alertava quanto ao perigo de que a psicanálise se calcifique, se mumifique e vire uma religião. Salientou que é importante que sejamos gratos a quem nos precedeu pelos instrumentos e pelo método que nos legaram, mas que também se possa pensar na psicanálise como uma ciência que tem o direito de progredir como as demais ciências. O autor valeu-se de sua trajetória pessoal em que começou como neuroquímico e bioquímico, e nessas áreas pesquisa-se a literatura dos últimos cinco anos. Passando depois a ser psicanalista, Ferro relatou sua surpresa com esse aspecto “religioso”, quando ia apresentar algum trabalho inédito e algum colega dizia: “Mas já Freud, em 1912, dizia isso...”, como se tudo devesse remeter a uma “Bíblia Freud”. Acredita que é importante confirmarmos nossas raízes, mas afirma seu compromisso com a psicanálise no futuro e sua curiosidade sobre como conseguiremos fazê-la progredir.

Esse tema segue presente de forma pulsante em seu último livro (2011) do qual se destaca, a título de encerramento, a seguinte citação:

Falo de uma análise que olhe para frente, para o futuro e não para o passado, não para os conteúdos, mas para a transformação dos aparatos para pensar (pouco me importa sobre o quê). A sessão me aparece como um sonho das mentes, no qual chegam, se desviam, se imbricam histórias diferentes provenientes de lugares e tempos diversos no campo [...] (2011, p. 20).

Referências

- CALICH, J. C.; BERLIM, G. B. (org.). **Sobre Psicanálise e Psicanalistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CERVO, L. M. Resenha do livro: A Técnica da Psicanálise Infantil, de Antonino Ferro. **Publicação CEAPIA**, Porto Alegre, 1998.
- FERRO, A. **A Psicanálise como Literatura e Terapia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. **A Técnica na Psicanálise Infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. **Evitar as Emoções, Viver as Emoções**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- _____. **Fatores de Doença, Fatores de Cura** – gênese do sofrimento e da cura psicanalítica. Rio de Janeiro, Imago, 2005.
- _____. **Na Sala de Análise**: emoções, relatos, transformações. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- _____. **Técnica e Criatividade**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- FRANCISCHELLI, L. A. **Amanhã, Psicanálise!** O trabalho de colocar o tratamento no paciente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- GUTFREIND, C. Resenha do Livro: Amanhã. Psicanálise!, de Leonardo Francischelli. **Psicanálise** – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v. 12, n.1, 2010.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Lisiane Milman Cervo
Rua Florêncio Ygartua, 391/202
90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: cervo@terra.com.br